

Alice começava a sentir-se muito cansada de todo aquele tempo sentada sem nada que fazer: de vez em quando, tentava novamente retomar o livro que tinha no colo, mas o texto compunha-se quase todo de longos parágrafos, sem quaisquer aspas, e qual o interesse de um livro, pensou Alice, que não tem quaisquer aspas?

Estava até a pensar (um pouco ingenuamente, pois não tinha grande jeito para levar uma coisa do princípio ao fim) se um dia também ela poderia escrever um livro, quando um homem com caracóis de um cinzento prateado e um cone de gelado da *Mister Softee* da esquina se sentou ao seu lado.

“O que está a ler?”

Alice mostrou-lhe o livro.

“Esse é o que tem as melancias?”

Alice ainda não tinha lido nada sobre melancias, mas acenou à mesma, assentindo.

“Que mais costuma ler?”

“Oh, sobretudo coisas velhas.”

Ficaram algum tempo sentados em silêncio, o homem a comer o seu gelado e Alice a fingir que lia o seu livro. Duas pessoas que faziam *jogging* olharam fixamente para eles, quando passaram. Alice sabia quem ele era — soubera assim que ele se sentara, o que lhe deixara o rosto cor de melancia —, mas, no meio do seu assombro, só conseguia continuar a fitar, como um atento gnomozinho de jardim, as páginas intransponíveis que se encontravam abertas no seu colo. Até podiam ser feitas de cimento.

“Então”, disse o homem, ao levantar-se. “Como se chama?”
“Alice.”
“Que gosta de coisas velhas. Até breve.”

No domingo seguinte, Alice estava sentada no mesmo sítio, a tentar ler outro livro, desta vez sobre um vulcão zangado e um rei flautento.

“A menina”, disse ele.

“Alice.”

“Alice. Porque anda a ler isso? Pensei que queria ser escritora.”

“Quem lhe disse isso?”

“Não foi a Alice?”

A sua mão tremeu ligeiramente enquanto partia um quadrado de chocolate e o oferecia a Alice.

“Obrigada”, disse ela.

“Por fauor! Não tem de quê”, respondeu ele.

Alice, que começava a comer o chocolate, lançou-lhe um olhar perplexo.

“Não conhece a anedota? Um homem num avião para Honolulu pergunta ao homem que está sentado ao seu lado: ‘Desculpe, como é que se pronuncia? *Hauai* ou *Havai*?’ ‘*Hauai*’, diz o outro homem. ‘Obrigado’, diz o primeiro. E o outro homem diz: ‘Por fauor! Não tem de quê.’”

Ainda a mastigar, Alice riu-se. “É uma anedota de judeus?”

O escritor cruzou as pernas e pousou as mãos no colo. “O que é que acha?”

No terceiro domingo, ele comprou dois cones da *Mister Softee* e ofereceu-lhe um. Alice aceitou-o, como fizera com o chocolate, pois este começava a derreter e, de qualquer modo, os escritores com vários prémios Pulitzer não costumavam andar por aí a envenenar pessoas.

Comeram os seus gelados e ficaram a ver um par de pombos que debicava uma palha. Alice, cujas sandálias azuis condiziam com os ziguezagues do vestido, estendia distraidamente um pé ao sol.

“Então, menina Alice. Alinha?”

Ela olhou para ele.

Ele olhou para ela.

Alice riu-se.

“Alinha?”, repetiu ele.

Concentrando-se novamente no seu gelado, Alice respondeu: “Bem, acho que não vejo motivos para dizer que não.”

O escritor levantou-se, deitou fora o guardanapo e regressou para junto dela. “Há muitos motivos para dizer que não.”

Alice semicerrou os olhos e sorriu para ele.

“Quantos anos tem?”

“Vinte e cinco.”

“Namorado?”

Ela abanou a cabeça.

“Trabalho?”

“Sou assistente editorial. Na Gryphon.”

De mãos nos bolsos, ele ergueu ligeiramente o queixo e pareceu chegar à conclusão de que isso fazia sentido.

“Está bem. Que tal darmos um passeio juntos no próximo sábado?”

Alice disse que sim com a cabeça.

“Aqui, às quatro?”

Ela voltou a dizer que sim com a cabeça.

“Devia ficar com o seu número de telefone. Para o caso de surgir algum imprevisto.”

Enquanto alguém abrandava a corrida para o ver melhor, Alice escreveu o seu número no marcador que vinha com o livro.

“Assim fica sem saber onde ia”, disse o escritor.

“Não faz mal”, disse Alice.

No sábado, choveu. Alice estava sentada no chão axadrezado da sua casa de banho, a tentar aparafusar com uma faca de manteiga o assento partido da sanita, quando o telemóvel começou a tocar: NÚMERO PRIVADO.

“Está, Alice? É o Mister Softee. Onde está?”

“Em casa.”

“E onde fica isso?”

“No cruzamento da Eighty-Fifth Street com a Broadway.”

“Oh, aqui pertinho. Podíamos fazer um telefone com latas.”

Alice imaginou um fio sobre a Amsterdam Avenue, arqueado como uma corda de saltar gigante, a estremecer entre eles sempre que falassem um com o outro.

“Então, menina Alice. Como é que vai ser? Quer vir até minha casa e conversar um pouco? Ou damos um passeio juntos noutro dia?”

“Vou até sua casa.”

“Vem até minha casa. Muito bem. Quatro e meia?”

Alice anotou a morada num folheto de publicidade que chegara pelo correio. Depois tapou a boca com a mão e esperou.

“Aliás, é melhor às cinco. Encontramo-nos aqui às cinco?”

A chuva inundava as passeadeiras e encharcava-lhe os pés. Os táxis, que espalhavam um jato de água ao longo da Amsterdam Avenue, pareciam andar muito mais depressa do que costumavam fazer quando o tempo estava seco. Enquanto o porteiro dele arranjava espaço para ela, colocando-se numa posição cruciforme, Alice entrou resolutamente: com passos largos, a suspirar e a sacudir o chapéu de chuva. O elevador estava revestido, de cima a baixo, com cobre ondulado. Ou os andares que percorria eram muito altos ou o elevador subia muito devagar, pois Alice teve tempo para observar os seus reflexos infinitamente destorcidos e preocupar-se bastante com o que iria acontecer de seguida.

Quando as portas do elevador se abriram, surgiu um corredor com mais seis portas cinzentas. Alice estava prestes a bater à primeira que viu, quando outra porta, do lado oposto do elevador, se entreabriu ligeiramente, deixando passar uma mão com um copo.

Alice aceitou o copo, que estava cheio de água.

A porta fechou-se.

Alice bebeu um gole de água.

Quando a porta se abriu de novo, pareceu escancarar-se sozinha. Alice hesitou, antes de levar a sua água por um pequeno corredor que terminava num quarto luminoso que continha, entre outras coisas, um estirador e uma cama invulgarmente grande.

“Mostre-me a sua mala”, disse ele atrás dela.

Ela mostrou-a.

“Agora abra-a, se faz favor. Por questões de segurança.”

Alice pousou a mala na mesinha de vidro entre eles e abriu-a. Tirou a carteira: uma carteira de homem em couro castanho, já muito gasta e rasgada. Uma raspadinha, comprada por um dólar e com o mesmo valor. Um batom para o cíeiro. Um pente. Um porta-chaves. Um travessão para o cabelo. Uma lapiseira. Algumas moedas soltas e, por fim, três tampões, que ela mostrou na palma da mão como se fossem balas. Cotão. Sujidade.

“Não tem telemóvel?”

“Deixei-o em casa.”

Ele pegou na carteira e tocou numa costura que estava a desfazer-se. “Que vergonha, Alice.”

“Eu sei.”

Ele abriu a carteira dela e tirou o cartão de débito, o cartão de crédito, um cheque-oferta já expirado do Dunkin’ Donuts, a carta de condução, o cartão da universidade, e vinte e três dólares em notas. Pegou num dos cartões: “*Mary-Alice.*” Alice franziu o nariz.

“Não gosta do Mary.”

“Não me diga que gosta.”

Por instantes, ele alternou o olhar entre ela e o cartão, como se tentasse decidir que versão dela é que preferia. Depois acenou com a cabeça, juntou os cartões, colocou à volta deles e das notas um elástico que foi buscar à secretária, e voltou a guardar tudo na mala. Quanto à carteira, atirou-a para um cesto de papéis em rede, já revestido com um cone branco de páginas impressas que tinham sido deitadas fora. Ao vê-las, pareceu irritar-se brevemente.

“Então, *Mary-Alice...*” Sentou-se, fazendo-lhe sinal para fazer o mesmo. O assento da sua poltrona era de couro preto e rente ao chão, como se fosse de um *Porsche*. “Que mais posso fazer por si?”

Alice olhou à sua volta. No estirador, um novo manuscrito esperava que o escritor se ocupasse dele. A seguir ao estirador, duas portas de correr em vidro davam acesso a uma pequena varanda protegida da chuva pela do andar de cima. Atrás de Alice, a enorme cama estava feita com tanto esmero que parecia inacessível.

“Quer ir lá fora?”